



Recebido em:
04/07/2017
Aprovado em:
07/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

ESCOLA E UNIVERSIDADE: A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA TRANSIÇÃO DO ENSINO MÉDIO PARA O ENSINO SUPERIOR

GREICY OLIVEIRA NASCIMENTO
FABIANA SOARES FERNANDES
LUIZ CLEBSON DE OLIVEIRA SILVANO

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

RESUMO

Este artigo surgiu a partir dos debates, textos e seminários discutido na disciplina "Ensino, Cidadania e Formação de Professores" de um Programa de Pós-graduação. Nessa disciplina tive contato com a obra de Boaventura de Souza Santos que discute algumas propostas para uma verdadeira reforma emancipatória da Universidade Pública com ênfase na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem do ensino superior. A partir das reflexões realizadas proponho a Orientação Profissional como ferramenta essencial na transição do ensino básico para o ensino superior. Desta maneira a Universidade juntamente com a Escola devem criar parcerias visando auxiliar na escolha profissional dos alunos, promovendo uma decisão consciente colaborando assim para a qualidade e eficácia do ensino superior.

Palavras-chave: Orientação Profissional; Ensino Básico; Ensino Superior.

This article emerged from the debates, texts and seminars discussed in the course "Teaching, Citizenship and Teacher Training" of a Postgraduate Program. In this course I had contact with the work of Boaventura de Souza Santos, which he discusses some proposals for a real emancipatory reform of the Public University with emphasis on improving the quality of teaching and learning in higher education. Based on my reflections, I propose the Professional Orientation as an essential tool in the transition from basic education to higher education. In this way, the University together with the School must create partnerships aimed at assisting the professional choice of students, promoting a conscious decision thus collaborating for quality and effectiveness of higher education.

Key words: Professional Orientation, Basic Education, Higher Education

Introdução

Fazer escolhas faz parte do ciclo vital e são elas que determinam quem somos, afinal por trás de toda e qualquer escolha existe uma história, uma determinada cultura, uma família, um tempo político, e principalmente a subjetividade do sujeito.

Conforme a Constituição Federativa do Brasil (1988) no terceiro capítulo, seção I Art. 205: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao

pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, é dever também da escola colaborar para a inserção do homem no mercado de trabalho. O grande problema começa quando está educação é planejada somente para produção de status de mercadora, tornando dificultoso a realização dos verdadeiros objetivos da escola, que é antes tudo formar indivíduos aptos para atuarem em sociedade de maneira consciente, reflexiva e ativa.

Diante desta preocupação de como, por que e para quê, preparar estes indivíduos para exercerem futuramente uma profissão e status social é que surge a Orientação Profissional (OP) na educação. A OP tem como objetivo primeiramente fazer o indivíduo se reconhecer em sua singularidade, conhecer sua realidade, suas potencialidades, para então projetar suas escolhas futuras e assim elabora um projeto de vida de maneira consciente e reflexiva. Conforme as teorias modernas que estudam o desenvolvimento vocacional e a construção dos projetos de vida no campo profissional (ex.: SUPER, 1980; Young et al., 2001; Young, 2004), essa construção ocorre ao longo do ciclo vital, a partir das experiências que os indivíduos tem, tanto na escola como fora dela, portanto, estando presente em todos os níveis educacionais. Entretanto, os processos de intervenção (OP) nessa área costumam acontecer, no Brasil, apenas com alunos do ensino médio pelo fato de ser um momento decisivo e de inúmeras dúvidas para os jovens: entrar no mercado de trabalho sem qualificação ou me qualificar para então entrar no mercado de trabalho. Que curso escolher Faço uma faculdade ou um curso técnico Decorrente disso este trabalho ressalta a importância da OP como um auxílio importante na transição do ensino médio para o ensino superior, minimizando evasões e potencializando a qualidade do Ensino Superior.

Orientação Profissional: um breve retrocesso histórico e conceitual

Quando falamos em Orientação Profissional, precisamos inicialmente entender o que isso significa. Podemos perceber que “orientar” é a junção de “orientar” + “ação”, ou seja, implica em dar um rumo, uma direção, um guia. Assim, ao falar em Orientação Profissional estamos sugerindo a possibilidade de uma pessoa poder ser orientada por alguém (no caso um profissional capacitado). Esse profissional auxiliaria a pessoa a reconhecer a situação em que se encontra e decidir o rumo, a direção a seguir (MELO-SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004). Numa perspectiva mais ampla, podemos entender a Orientação Profissional como um processo que tem por objetivo instrumentalizar a pessoa para fazer escolhas conscientes e autônomas tanto no trabalho como nos estudos, construindo uma identidade profissional e fazendo a transição escola-trabalho de uma maneira mais tranquila.

Como todo e qualquer processo, a inserção do indivíduo ao mercado de trabalho passa por inúmeras etapas, e consequentemente acompanha o tempo histórico e social ao qual este indivíduo pertence. Levando em consideração a contribuição da escola (ensino básico) e da universidade (ensino superior) como pontes entre o presente aluno e o futuro trabalhador, analisamos como a educação está estritamente ligada ao mercado de trabalho na maioria das vezes focada somente na preparação e reprodução de indivíduos aptos a exercer uma determinada função ou cargo. A inserção do homem no mercado de trabalho através de sua identidade profissional sofreu drásticas e esperadas mudanças. Afinal, o mercado também acompanha os movimentos sociais, políticos, econômicos e culturais de uma determinada sociedade. Com isto, podemos fazer uma breve comparação com as escolhas profissionais ocorridas no período do feudalismo até os dias atuais.

Durante muito tempo as profissões eram construídas e transmitidas ao indivíduo de acordo com o clã, sua casta, a camada social pertencente ou de geração à geração, ou seja, os ofícios eram herdados. Se o indivíduo fosse artesão logo, seu filho herdaria sua profissão e ao se desenvolver enquanto criança, adolescente e adulto teria que aprender as mesmas técnicas para manuseio da sua futura profissão, e assim poder passar para seus filhos e netos (NEIVA, 2013). Deste modo, bastava ter algumas informações básicas como a profissão dos pais, o sexo do filho e a localização do domicílio para se ter um prognóstico das oportunidades sociais que esses jovens teriam, que poderiam aprender aquilo que precisavam saber a cerca de si próprios e do seu futuro a partir da repetição de padrões dos grupos sociais de pertença.

A Revolução Industrial foi um dos marcos históricos que mais influenciou e colaborou para a modificação da relação do homem com o trabalho e contribuiu para o surgimento de diversas e novas formas de trabalho e ofícios. As mudanças socioeconômicas e culturais que surgem nessa época, começam a criar condições que põem em causa a determinação social de um projeto de vida, como acontecia até então, sendo o trabalho visto como um patrimônio,

uma tradição a ser mantida e repassada. Devido este aumento nos processos industriais surge a necessidade de uma nova “identidade profissional”, por ora o homem já pode “escolher que ocupação profissional quer exercer”, deixando de seguir o que os pais determinavam. Na realidade, essa nova perspectiva sofre também a influência da teoria de Frank Parsons de 1909, conhecida como “traço-fator”. Esse ponto de vista centrado no sujeito, acredita que cada um nasce predestinado a uma “vocação” que se encontra oculta e precisa ser descoberta pelo exame psicológico, para que o indivíduo obtivesse sucesso em sua formação e futura profissão. Essa perspectiva tem como vantagem sobre as anteriores o fato do indivíduo escolher um curso ou profissão a partir de suas características pessoais, ao invés de partir das características dos grupos sociais de pertença, rompendo, portanto, uma lógica do determinismo social.

Valentini (2013) discute as referidas transições históricas ocorridas afirmando que:

É na passagem do feudalismo para o Capitalismo caracterizada pela transição do trabalhador que detinha um conhecimento e os instrumentos necessários para garantir seu sustento, para aquele que doravante venderá sua força de trabalho e suas habilidades para sobreviver, que o tema trabalho assume outra dimensão. (p.96)

Diante desde novo cenário histórico, a família também passa por transformações, iniciando um processo de desinstitucionalização. Isto ocorre devido à perda de sua força no que diz respeito a orientação de seus filhos, deixando a desejar na escolha profissional dos mesmos, transpondo esta responsabilidade para o processo de escolarização (escola). Nesse contexto surge o termo “Orientação Profissional” como auxílio nesta tarefa social destinada agora à escola. Segundo Valentini (2013) a OP adentra as escolas de vários países como Estados Unidos, França, Alemanha e Canadá por volta de 1950, mas somente com um caráter informativo e não como algo essencial no desenvolvimento do indivíduo.

No Brasil, de acordo com Carvalho e Marinho-Araújo (2010), a OP nasce por volta de 1920 influenciada pela Psicometria, “a metodologia utilizada abrangia o diagnóstico das tendências vocacionais e aptidões dos indivíduos, através do uso de testes psicológicos, e aconselhamento para seu melhor ajustamento ao trabalho” (p.222). Essa perspectiva deriva-se do modelo “traço-fator” cujo objetivo era colocar o homem certo no lugar certo, ou seja, uma combinação exata entre as aptidões do indivíduo e as características específicas da profissão ou cargo a ser desempenhado. O início da trajetória da OP no Brasil esteve, portanto, ligada às práticas psicológicas adentrando as escolas da década de 1940 “estabelecendo-se gradualmente como campo de atuação de psicólogos e pedagogos” (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p.222). As autoras destacam ainda que, no que diz respeito a atuação dos pedagogos a OP surgiu como campo de atuação da Orientação Educacional, destinada às classes menos favorecidas que frequentavam as escolas profissionais, sendo formalizada na década de 1960:

A Orientação Profissional ancorou-se nas instituições de ensino a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) promulgada em 1961, que tornou obrigatória a atividade de orientação educacional para as escolas públicas e privadas. Tanto psicólogos quanto pedagogos poderiam ser designados para o exercício da Orientação Profissional como parte das funções do orientador educacional (VALENTINI, 2013, p. 98).

Em consultórios psicológicos ou nas escolas a OP pode ser realizada, o que vai variar é o referencial teórico que será utilizado, mas o que importa é que, independente da abordagem as várias formas de se realizar a OP “Têm em comum o fato de priorizarem a relação homem-trabalho, seja na escolha dos estudos a seguir, dos conflitos que surgem no desempenho do papel profissional, ou ainda, no que diz respeito à reorientação ou ao planejamento de carreira” (LISBOA; SOARES, 2000, p.24-25).

Com a sua inserção no âmbito educacional a OP apresentou um olhar mais atento os alunos que chegam ao ensino médio, especificamente no terceiro e último ano desta etapa escolar. Um dos motivos que talvez leve as instituições, os professores e até mesmo os alunos a refletirem sobre suas escolhas futuras somente no último ano do ensino médio seja o fato de as instituições escolares estarem preocupadas em serem avaliadas e cobradas pelo quantitativo de alunos que adentram ao ensino superior e que preferivelmente já deveriam possuir uma escolha de qual área

investir.

Esta etapa da educação básica é composta em sua maioria por adolescente, esta faixa etária é apontada em diversas obras (NEIVA, 2013; UVALDO; SILVA, 2010; VALENTINI; 2013) como sendo o principal público para as escolhas vocacionais. Levando em consideração que para muitos adolescentes, esta escolha passa a ter um peso como sendo a primeira e mais importante decisão a ser realizada, percebe-se a importância de se ter algum profissional para orientá-los e direcioná-los na escolha de que área do ensino superior desejam ingressar. É importante compreender as especificidades individuais como habilidades cognitivas, gostos e interesses, mas também as especificidades contextuais como condições financeiras, camadas sociais excluídas, grupos discriminados, etc. Nessa perspectiva Vasconcelos e Oliveira (2004) discutem a respeito da finalidade da Orientação Profissional e seu respectivo conceito afirmando que:

[...] a Orientação Profissional/ocupacional trata de um processo amplo no qual se faz presente as informações profissionais, familiares e sociais promovendo assim o encontro das afinidades deste com aquilo que poderá vir a realizar em forma de um projeto de vida profissional. [...] A Orientação Profissional visa a levar o jovem a se conhecer, conhecer a realidade e tomar decisões reflexivas e de maior autonomia, a partir de suas próprias determinações psíquicas e de seu ambiente social (p. 24-25).

A OP deve possibilitar a descoberta de uma vocação que irá proporcionar ao indivíduo uma realização profissional que permitirá o descolamento social através do seu exercício profissional. Para que isso seja realizado, é preciso que o indivíduo passe por quatro tarefas vocacionais: a) a primeira trata-se da exploração, qual permitirá ao indivíduo reconhecer e conhecer os problemas de sua escolha, buscando sempre informações a respeito de si mesmo e do mundo que o rodeia; b) a segunda, refere-se a cristalização, na qual permite organizar e selecionar as informações, eliminando as opções que não lhe convém e afinando suas escolhas; c) a terceira direciona-se a especificação, na qual delimita sua escolha, podendo aprovisionar uma escolha em definitivo, estudando-a de acordo com seus limites pessoais; d) e a quarta e última tarefa refere-se a realização, está é a fase na qual o sujeito materializa sua escolha e vai em busca de concretizá-la (NEIVA, 2013).

Todas estas tarefas são passos a serem percorridos em uma escolha vocacional. Vale lembrar que o processo de escolha não deve ser visto de maneira isolada do contexto social ao qual o indivíduo pertence, estando ligado ao seu estilo e modo de viver. Para que o adolescente se reconheça em alguma área universitária e profissional é preciso dominar sua capacidade de se reconhecer enquanto indivíduo pertencente a uma determinada camada social e almejar planos futuros, predestinando assim a busca de sua identidade vocacional, que exigirá uma definição a curto prazo de o que fazer, como e onde, tendo a compreensão do porquê e para quê da sua escolha. O processo de decisão em que área investir deve ocorrer de forma consciente e sem nenhum tipo de pressão por parte da família, da escola ou qualquer outro grupo social. O adolescente ou sujeito deve sim receber orientações e informações de diversas áreas de atuação, e principalmente ter um contato com o profissional e orientador vocacional, para que goze de todas as fontes e explore bem suas opções de acordo com sua especificidade. Todos esses cuidados voltados para orientações desses jovens que estão saindo do ensino básico e adentrando ao ensino superior colaboram de alguma maneira para melhoria do seu desempenho na área que mais se identificam e conseqüentemente colaborará para uma menor evasão desses estudantes universitários.

A Orientação Profissional como ponte entre ensino básico e ensino superior

Santos (2008) discute na segunda parte do seu capítulo “Que fazer”, alguns princípios que poderiam colaborar para uma verdadeira reforma democrática e emancipatória do ensino superior. No decorrer dessa discussão apresenta alguns tópicos propostos como uma possível reconquista da legitimidade da universidade, entre eles que esta reforma deveria promover e incentivar a parceria entre escola e universidade, de maneira a contribuir com o acesso e permanência desses estudantes recém-chegados do ensino médio. Para que isso fosse possível a universidade deveria propor projetos que auxiliassem principalmente as escolas públicas em seu domínio pedagógico e científico, estabelecendo uma relação de troca e contato.

O autor faz um questionamento apontando parecer haver um abismo entre o mundo acadêmico e o mundo da escola. É preciso criar redes e relações entre os diferentes níveis educacionais, pois um sempre estará ligado ao outro. E melhorando a qualidade do ensino na educação básica conseqüentemente haverá uma melhoria de qualidade no ensino superior. Afinal, a conclusão do ensino médio é a porta de entrada para o ensino superior, mas há uma grande precarização na preparação desses jovens para o concurso vestibular. Como não há uma parceria uniforme entre esses dois níveis de educação, percebe-se que a escola pública em geral, está mais preocupada em promover somente o desenvolvimento do trabalho e da cidadania ao indivíduo, ocasionando uma escassez de pré-requisitos aos jovens para sustentar a ideia de darem seguimento aos estudos e ingressarem no ensino superior. Como consequência surge também pouca preocupação em informar a disponibilidade de cursos superiores locais, não havendo nenhum tipo de Orientação Profissional para que os alunos e possíveis universitários conheçam a variedades de profissões a serem selecionadas e escolhidas de acordo com suas características e interesses pessoais.

Uvaldo e Silva (2010) ressaltam que a informação é um dos principais e primeiro item para uma boa decisão de que área prestar o vestibular, e expressam uma preocupação voltada para o desconhecimento total do curso que muitas vezes os jovens acabam optando por cursar. Desta forma, os autores expõem que:

É significativa a falta de informações que o adolescente demonstra tanto acerca de si mesmo quanto acerca do mundo do trabalho e das profissões que podem observar no meio mais imediato, revelando um comportamento exploratório consideravelmente pobre. A tendência de jovens do ensino médio é fazer uma escolha profissional apoiada em elementos poucos consistentes: informações mínimas, geralmente distorcidas, idealizadas ou estereotipadas, além de serem desarticuladas do própria perfil (UVALDO; SILVA, 2010, p. 45).

O indivíduo tende a ter informações referente a que tipo de profissão optar na hora de sua inscrição no vestibular restritas aos conhecimentos mais próximos, ou seja, estas informações muitas vezes são oferecidas através dos pais ou de algum membro da família, por meio de algum professor, ou até mesmo através de algum colega (escolhas outorgadas), e muitas vezes não aprofundam e nem buscam explorar o universo daquela determinada informação e acabam por decidir por qualquer área, ou ir de acordo com a escolhas de outros colegas.

Pesquisadores como Sparta, Bardagi e Andrade (2005) vem pesquisando jovens no Brasil e demonstrando que eles pouco exploram o mundo do trabalho, apesar dessa atitude ser fundamental ao final do Ensino Médio quando os jovens precisam optar por ingressar imediatamente no mercado de trabalho ou por continuar os estudos ingressando no ensino superior. Fernandes (2014) complementa essa discussão afirmando que, por conta dessa ausência de exploração encontramos em nossos jovens uma indecisão vocacional, uma incerteza na hora de fazer as escolhas, levando-os a desistir de investir em determinada profissão ou investindo em projetos e sonhos que não são seus, mas que lhe são de alguma forma impostos por familiares ou contexto social. Nesse contexto, Faria, Taveira e Saavedra (2008) afirmam que “a exploração da carreira realizada pelos jovens ao longo da sua escolaridade tem sido associada a avanços na tomada de decisão e na realização de escolhas vocacionais mais adequadas” (p. 18), ou seja, é uma etapa fundamental da construção dos projetos profissionais futuros.

A falta da Orientação Profissional para estes futuros jovens se torna mais complicado para aqueles que pertencem as camadas sociais menos favorecidas, dificultando ainda mais a escolha profissional. Muitos desses jovens não chegam a sequer prestar o vestibular pela necessidade do ingresso no mercado de trabalho com mais rapidez, além de muitas vezes não possuem tempo e nem condições de investir em um curso superior. A condição financeira pode ser umas das facilitadoras (e por outro lado, impeditivas) do ingresso de jovens no ensino superior, na medida que possibilita àqueles que possuem um status financeiro mais estável ter a oportunidade de fazer cursinhos preparatórios, compensando assim defasagem de conteúdos sofrida no ensino médio. Por outro lado, a falta de recursos financeiros sempre colaborou para o desestímulo da busca de prosseguir os estudos àqueles menos favorecidos, pois as opções desejadas não condizem com a realidade socioeconômica do indivíduo (VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2004).

Em uma pesquisa realizada por Levenfus e Nunes (2010) que tinha como público alvo estudantes finalistas de escolas privadas e públicas, também aparece a interferência financeira para uma melhor escolha da universidade. Os alunos de escolas públicas, em respostas citam as universidades classificando-as em “as mais caras ou baratas”, e também

as que oferecem um “pagamento facilitado”, mas o principal objetivo é ingressar em uma universidade federal. Diante do que os autores expõem percebe-se como as condições específicas de cada aluno influenciam na sua escolha profissional. Muitas vezes o desejo por cursar o ensino superior é tão grande que a maioria desde jovens sem condições de manter-se em outra cidade ou até mesmo na capital[1], acabam por optar por curso que esteja ao seu redor, mas que não expressam nenhuma relevância para eles. Escolhem estes curso com intuito de somente possuírem um diploma.

As escolas juntamente com as universidades deveriam criar parcerias pensando primeiramente nesses jovens e indivíduos de camadas sociais menos favorecidas, assim poderiam articular entre si um melhor conhecimento dos cursos daquela determinada região, principalmente nas regiões mais periféricas onde a oferta de cursos não atende as expectativas dos jovens. Mesmo que a escolha do curso ainda não seja a sonhada pelo indivíduo, um projeto de Orientação Profissional, realizado em parceria entre escola e universidade, colaboraria para uma melhor compreensão dos cursos disponíveis, área de atuação depois de formado, disciplinas que compõem a grade curricular do curso, mercado de trabalho, etc., permitindo aos jovens perceberem com mais clareza a opção com a qual mais se identificam, e realizando, portanto, uma escolha mais consciente, podendo de fato se beneficiar dos conhecimentos para uma futura prática profissional.

As consequências e possíveis soluções para a carência da Orientação Profissional no âmbito educacional

A falta de uma Orientação Profissional destinada aos alunos da educação básica atinge avassaladoramente o ensino superior, e causa como consequências o alto índice de evasão nas universidades. Neiva (2013) chama a atenção para a escassez de programas de Orientação Profissional nos níveis do ensino fundamental e médio, e afirma que isto reflete em jovens que realizam suas escolhas sem reflexão, informação e maturidade suficiente para concretizarem sua decisão.

Apesar de nos dias atuais ter ocorrido um grande aumento no número de vagas para o ingresso no ensino superior, e mesmo com a melhoria do acesso comparando com algumas décadas atrás, as pessoas ainda parecem fazer suas escolhas de forma inconsequente, sem explorar bem o universo da educação superior e principalmente a área na qual optam por cursar. Utilizam de alguns mecanismo para aprofundarem suas escolhas, como a facilidade de acesso, o custo, a localização da instituição e muitos procuram apenas possuírem um diploma. Algumas dessas causas, que também refletem uma escolha profissional mal fundamentada, colaboram para o aumento dos índices de evasão no ensino superior.

A evasão universitária caracterizada pelo abandono e/ou desistência de discentes devidamente matriculados, aparece em diversos estudos como uma das maiores preocupações para melhoria de qualidade do ensino superior. O então Ministro da Educação Mendonça Filho lançou no ano de 2016, através do Portal da Educação, dados referentes ao abandono de estudantes da educação superior com base no Censo da Educação Superior. As informações divulgadas correspondem a dados coletados entre 2010 e 2014 e apresentam um assustador crescimento na porcentagem dos números de alunos evadidos no ensino superior. Em 2010 esse percentual era de 11,4% e o que mais assusta é que em 2014 esse percentual alcançou 49%[2]. O Ministro relaciona este alto índice de evasão a uma falha advinda do ensino médio devido à falta de Orientação Profissional desses estudantes evadidos, e ainda conclui que “O Brasil tem apenas 8% dos alunos do ensino médio em programas vocacionais. A falta de orientação contribui para que haja uma desistência significativa dos jovens que ingressam no nível superior” (BRASIL, 2016, s/p)[3].

Diante do que o Censo nos mostra, percebemos com as falhas que advém desde a educação infantil, passando para o ensino fundamental, depois para ensino médio acabam gerando uma corrente de consequências. É preciso criar programas interligando todos os níveis de ensino pensando na formação do indivíduo como um todo, tendo a ideia de que a educação é contínua e linear, e não deveria ser vista e nem ocorrer como um processo fragmentado. Muitos destes alunos que passam por diversas dúvidas antes de decidirem por que área profissional desejam qualifica-se para então ingressar no mercado de trabalho, acabam adentrando o ensino superior, e as dúvidas deixadas no ensino médio continuam a acompanhar e conturbar esses jovens mesmo dentro da universidade.

Alguns autores (CHIBEMO; CANASTRA, 2015, GILIOLI, 2016, NEIVA, 2013) expõem, em suas pesquisas sobre as possíveis causas desse grande número de evasão no ensino superior, algumas causas externas que levam muitas

vezes estes universitários a desistirem do curso. A primeira causa apontada por eles é a falta de Orientação Profissional em relação a escolha do curso, já que muitas pessoas que entram em determinado curso sem conhecer devidamente a profissão e acabam se desmotivando quando percebem que sua escolha não trará satisfações pessoais futuras. A imaturidade também aparece como uma das causas colaborativas para evasão desses jovens universitários, de maneira que muitos tiveram que decidir cedo que opção escolher e com base nas informações mínimas que possuíam sobre a respectiva área.

Outra causa está ligada a escolha do curso como segunda opção, isto ocorre muitos com jovens que desejam cursar determinada área mas que devido a algum empecilho não é possível, e acabam por optar por outro curso qualquer para que possam ter em mãos um diploma do ensino superior. A pressão familiar também compõe uma das causas da evasão, uma vez que o indivíduo sofre pressão da família para ingressar de imediato no ensino superior e acaba por realizar uma escolha que ofereça facilidade de ingresso e baixa concorrência, sem ter conhecimentos a respeito daquela profissão e possuir uma maior confiança em conseguir ingressar em pouco tempo. Muitas vezes os pais podem também, idealizarem a escolha de uma profissão que eles não puderam realizar ou fazem pressão para que o filho escolha uma profissão de maior status financeiro.

Diante das causas expostas, Neiva (2013) corrobora com a ideia de que todo sujeito que deseja adentrar ao ensino superior deveria ter a acesso, no ensino básico, a informações e características mínimas de cada profissão, pois assim aumentaria seu leque de escolha e o indivíduo poderia selecionar aquelas que mais se identifica. A partir disso iniciaria o aprofundamento nas áreas de maior interesse. A autora ainda estipula alguns pontos informativos mínimos que devem ser levados em consideração sobre a respectiva área desejada, sendo eles:

Objetivos da profissão; objetivos de trabalhos; atividades específicas (permanentes e ocasionais); ambiente e rotina de trabalho; mercado de trabalho: quem emprega, oferta vs demanda de emprego, faixas salariais, etc.; retorno da profissão; áreas de trabalho; competências necessárias para esta profissão. (NEIVA, 2013, p. 61-62)

A autora também sugere que o aluno receba esclarecimentos sobre o tipo de formação que é necessária para a área que ele desejar seguir profissionalmente, bem como as informações sobre a instituição que oferecem o curso do seu interesse. Além disso, destaca também alguns fatores a serem pesquisados como:

Tipo de formação (curso técnico, tecnológico, graduação plena); instituição de ensino que oferecem o curso; proposta pedagógica e estrutura curricular de cada instituição de ensino; duração do curso; turnos em que o curso é oferecido, processo seletivo (concorrência, exigências); qualidade do curso (reconhecimento, avaliações MEC, notas ENADE e outras); infraestrutura oferecida pela instituição de ensino para o curso (laboratórios, salas, equipamentos); estágio (carga horária, exigências...); nível de exigência do curso; áreas de especialização (NEIVA, 2013, p.62).

Como podemos perceber são inúmeros itens considerados informações básicas referente a uma escolha profissional para um aluno que está acabando de sair do ensino médio, jovem e talvez imaturo. Atentar a todas essas informações e entendê-las pode se tornar um pouco dificultoso. O adequado é que houvesse uma pessoa para auxiliar o manuseio deste aparato de informações e assim melhor conduzir suas dúvidas e decisão. Um profissional de Orientação Profissional seria o ideal!

Outro aspecto frisado na bibliografia revisada é que a escola, juntamente com a universidade, deveria proporcionar passeios aos alunos da educação básica até o local das instituições presente em sua localidade. Isto aproximaria muitos mais os alunos do espaço universitários e geraria a curiosidade em saber como funciona toda a sua estrutura, podendo assim sanar maiores dúvidas a respeito do universo universitário até então desconhecido para os alunos. O uso de palestras explicativas promovidas pela universidade para os estudantes do ensino médio também é uma ideia de como diminuir a distância entre estes dois níveis educacionais, aproximando cada vez mais os adolescentes da universidade e despertando dúvidas e troca de conhecimento que são essências para aprimorar e auxiliá-los em suas

escolhas futuras (CHIBEMO; CANASTRA, 2015).

Portanto, a participação conjunta desses dois níveis educacionais diferentes mais que possuem os mesmos objetivos é fundamental. Eles devem trabalhar juntos para a melhoria da qualidade não só da universidade ou do ensino básico, mas para a melhoria de vida de cada indivíduo. A universidade deveria criar projetos de extensão que atinja estes estudantes desde a educação infantil, para que a cada etapa estejam mais seguros e construam seus projetos de vida mais estruturados, conscientes e menos confusos.

Considerações finais

A escolha de uma profissão acarreta inúmeros processos sociais, político e econômicos. A sociedade capitalista está a favor de um mercado de trabalho que agregue mão-de-obra barata e pouco qualificada, afastando muitas vezes as camadas sociais menos favorecidas de optarem por fazer um curso superior, devido surgir a necessidade de adentrarem o quanto antes ao mercado de trabalho e possuírem uma renda. O escolha profissional acaba por caracterizar “quem você é”, e por este fato deve ocorrer de maneira consciente e reflexiva, considerando sim a realidade de cada sujeito, mas jamais impondo que área determinado indivíduo deve optar.

Propõem-se uma orientação profissional não somente preocupada com que ocupação o indivíduo exercerá no mercado de trabalho, mas primordialmente que vincule o processo de reflexão crítica aos alunos desde os anos iniciais para que assim, ao chegarem no ensino médio já possuam um projeto de vida baseada em suas experiências adquiridas ao longo de sua trajetória escolar, familiar e social, e que principalmente internalizem as áreas dos conhecimentos de acordo com as suas especificidades e desejos. Articula-se que a escola e a universidade possam trabalhar em parceria de forma também reflexiva proporcionado o despertar da motivação nos alunos desde cedo para que busquem sua identidade profissional sem ter medo de escolhe-la. Quanto mais cedo estiverem aptos para fazer suas escolhas e consciente de suas habilidades, maior será sua segurança na tomada de decisão, e isso irá refletir positivamente no seu desempenho no ensino superior e conseqüentemente para a amenização da taxa de evasão nas universidades.

É importante lembrar que, um projeto profissional é um processo que ocorre ao longo do ciclo vital e sofre múltiplas influências. Assim, a escolha tomada ao fim de um ciclo de estudos não é única e definitiva, todo e qualquer indivíduo está sujeito a modificar suas escolhas, desde que isto ocorra de maneira consciente e almejando a sua satisfação pessoal. O ser humano está em constante dialética com o universo, se construindo e se desconstruindo ao longo da vida, sempre em busca dos seus propósitos e do que o faça feliz e realizado individual e socialmente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: 5 de outubro de 1988. Disponível em: con1988>. Acessado em: 20 jun.2017.

BRASIL. *Ministério da Educação*: Portal Brasil. Altos índices de desistência na graduação revelam fragilidade do ensino médio, avalia ministro, 2016. Disponível em: . Acessando em: 19 jun.2017.

CARVALHO, Tatiana Oliveira de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. Psicologia Escolar e Orientação Profissional: Fortalecendo as convergências. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, jul-dez, 11(2), 2010.

CHIBEMO, Júlio Taimira; CANASTRA Fernando. A Orientação Profissional e Profissional no Ensino Superior em Moçambique: Um Estudo de Caso (Sofala). *Revista de estudios e investigación en psicología y educación*. v. Extr., 3, 2015.

FARIA, L. C.; TAVEIRA, M. DO C.; SAAVEDRA, L. M. Exploração e decisão de carreira numa transição escolar:

Diferenças individuais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(2), 17-30, 2008.

FERNANDES, Fabiana Soares. *Estilo parental e desenvolvimento vocacional: um estudo sobre influências das famílias na orientação dos adolescentes*. São Paulo: Loyola, 2014.

FILHO, Naomar de Almeida. *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade NOPa*. Coimbra, 2008, p. 50-106.

GILIOI, Renato de Sousa Porto. *Evasão em instituições federais de ensino superior no brasil: expansão da rede, sisu e desafios*, 2016.

LEVENFUS, Rosane Schotgues; NUNES, Maria Lucia Tiellet. Principais temas abordados por jovens vestibulandos centrados na escolha profissional. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues e cols. *Orientação Profissional ocupacional*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 40-51.

LISBOA, M. D; SOARES, D. H. P. (ORG). *Orientação Profissional em Ação – Formação e Prática de orientadores*. São Paulo: Summus, 2000.

MELO-SILVA, L. L., LASSANCE, M. C. P., & SOARES, D. H. P. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(2), 31-52, 2004.

NEIVA, Katia Maria Costa. *Processos de escolhas e orientação profissional*. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade: Que fazer*. São Paulo: Cortez, 2008.

SPARTA, M.; BARDAGI, M. P.; ANDRADE, A. M. J. Exploração vocacional e informação profissional percebida em estudantes carentes. *Aletheia*, 22, 79-88, 2005.

SUPER, D. E. A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298, 1980.

UVALDO, Maria da Conceição Coropos; SILVA, Fabiano Fonseca da. Escola e escolha profissional: um olhar sobre a construção de projetos profissionais. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues e cols. *Orientação Profissional ocupacional*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 31-38.

VALENTINI, Deborah Bulbarelli. *Orientação Profissional: o que as escolas têm a ver com isso*. Campinas/SP: Papirus, 2013.

VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. *Orientação Profissional: alguns teóricos, técnicos e práticos*. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2004.

YOUNG, R. *The Parent-Adolescent Relationship as a Joint Project*. Paper presented to the Conference of the European Association for Adolescent Research, Porto, Portugal, May 8, 2004.

YOUNG, R. A., VALACH, L., BALL, J., PASELUIKHO, M. A., WONG, Y. S., DEVRIES, R. J., MCLEAN, H. & TURKEL, H. *Career development as a family project*. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 190-202, 2001.

[1] As vezes os estudantes oriundos das pequenas cidades precisam se deslocar até a capital para ter acesso ao curso superior desejado.

[2] Dados obtidos através do Censo da Educação Superior 2015.

[3] Fala do ministro Mendonça Filho em explicação da possível consequências dos dados abordados.

Discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas. Graduada em Pedagogia pela mesma Universidade.

Contato: greicyoliveiran@hotmail.com

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Psicologia pela Universidade do Porto/Portugal. Contato: fabianafernandes2801@gmail.com

Discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas. Graduado pela Universidade Federal de Rondônia. Especialização em Fisiologia do Exercício. Contato: luizclebeson@hotmail.com